

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS



1290000461



TCC/UNICAMP Su98i



“A INDÚSTRIA TÊXTIL NA REGIÃO DE AMERICANA NA DÉCADA DE 90.”

Marcel Suzigan

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
INSTITUTO DE ECONOMIA
UNICAMP**

Campinas, 20 de Janeiro de 2001. ✓

**TCC/UNICAMP
Su98i
IE/461**

CEDOC/IE

Abstract

This study will try to explain the Brazilian textile industry, in particular in the cities of Americana, Nova Odessa, Santa Barbara D'Oeste and Sumaré.

The text are going to present the changes in this industry in Brazil, after 1990, including sales, machines and workers.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente as pessoas que foram fundamentais para que eu conseguisse realizar o meu objetivo que era me formar na Instituto de Economia da UNICAMP.

Meus pais, Toninho e Maria, que devo a eles tudo o que sou e consegui até hoje.

A minha avó, Vó Cida, que sempre ajudou com sua reza para que nunca tivesse nenhum problema.

Minha namorada, Têssia que me apoiou em momentos difíceis ao longo desses anos.

Meus irmão, Caio e Tatá, que apesar de todas as brigas sempre estavam ao meu lado.

Meus amigos, em particular os amigos da faculdade, que com todas as diferenças, marcaram esses meus últimos quatro anos de vida (em especial: Adriana, Aline, Danyelle, Daniel (Tchulla), Maria Fernanda, Murilo, Vinícius).

Gostaria de colocar o nome de três pessoas que ajudaram em muito na minha monografia. Primeiramente meu orientador Renato de Castro Garcia, meu padrinho Josmar Feltrin e por último João Girardi, do SINDITEC que em uma entrevista extremamente proveitosa, mudando os rumos desse trabalho, juntamente com a contribuição dos demais que ajudaram a formular as idéias.

Introdução

O Trabalho consiste em uma análise no Setor Têxtil, estudando mais precisamente a região de Americana (todo vez que for citado Região de Americana, entenda Americana, Nova Odessa, Santa Barbara D'Oeste e Sumaré), em especial a década de 90.

A importância de uma análise mostrando as mudanças nessa última década é de fundamental importância, principalmente depois da abertura econômica no país que alterou toda a sua característica histórica.

A expectativa desse trabalho é apresentar as mudanças dentro de um contexto novo na economia mundial, que afetou em grande parte a economia nacional em especial o Setor Têxtil.

Capítulo 1

Abertura Comercial brasileira e suas implicações na indústria nacional

A partir de 1990, com a eleição de Fernando Collor de Mello para a presidência do Brasil, as características da inserção do país no comércio mundial do período de Maílson da Nóbrega foram fortalecidas.

A economia brasileira estava baseada no crescimento, no imediato período anterior, através do forte apoio do Estado, falta de concorrência e proteção tarifária.

Segundo os defensores dessa abertura econômica, a oportunidade de reverter essa característica atrasada da economia brasileira estava na globalização econômica que estava ocorrendo no início da década de 90. A globalização, que também pode ser entendida como a liberalização comercial seria uma ruptura com o padrão desenvolvimentista utilizado no passado, no qual as empresas instaladas no país tinham vantagens, como mercado cativo. A livre concorrência era o meio de incorporar as novas tecnologias, resultante de melhorar e baratear os produtos e serviços para uma concorrência global sem fronteiras.

A abertura comercial nacional usaria os mecanismos de diminuição geral das tarifas de importação, “quebrando” vários setores antigamente protegidos, fato esse que geraria uma necessidade de gestões mais eficientes para uma economia moderna.

Outro ponto importante para a abertura era a desregulamentação estatal na economia. Segundo os pensadores, ocorreria a concorrência e as tarifas tenderiam a diminuir, aumentando a competitividade da indústria nacional.

Nessa nova estrutura, o Brasil iniciou uma política de redução das tarifas, considerado o maior meio de proteção à indústria nacional, essa redução iniciada em 1990 duraria aproximadamente cinco anos, mas atingiu seus resultados em meados de 93. Segundo Carneiro (2000), as metas para a proteção industrial acordada com os países do Mercosul, prevista para vigorar em 2006, já havia sido alcançada em 1994.

A abertura comercial era apresentada, na teoria, como a grande oportunidade dos países periféricos se desenvolverem, se mostrou fraca na realidade. No caso nacional o principal fator atribuído à globalização foi o aumento significativo do coeficiente de importação na economia nacional.

A maior queda dos setores industriais nacionais ocorreram de forma mais forte no setor de bens de capital e bens duráveis. Os setores de bens de consumo não duráveis e bens intermediários não sofreram grandes mudanças, mantendo-se em níveis pré-abertura, com clara exceção para setores como os têxteis e de calçados, que tiveram sérios problemas com a invasão dos produtos importados no mercado nacional.

Carneiro (2000) relata que para grande parte da indústria nacional o mercado interno continuou sendo o principal destino da produção, mostrando que o país não estava preparado para a concorrência internacional direta, baseada nas regras da OMC.

1.1 Situação da Indústria nacional no período pré abertura comercial

Segundo Coutinho (1995), 72% das empresas nacionais apontavam, em 1992, o mercado nacional como o principal consumidor e responsáveis pela sua estratégia empresarial.

As empresas apresentaram uma sensível renovação do parque industrial no período de 87-92, mas essa modernização ficou longe de atingir patamares internacionais de tecnologia. Apenas 18% das empresas detiveram tecnologia de ponta no seu processo industrial e mais da metade das empresas entrevistadas pela pesquisa coordenada por Coutinho, utilizavam máquinas com mais de uma década de uso. O baixo desenvolvimento de novos produtos também é uma característica da indústria nacional, que em relação aos padrões internacionais, apresentam um grande atraso. Fatores esses, não são apenas resultado de um processo frágil de modernização responsável apenas pelo empresariado nacional, mas sim de uma população de renda extremamente baixa, com um consumo instável, por outro lado, a ausência de um mercado exigente, como a aversão ao risco desestimulam as empresas a buscar inovações. Outro fator importante ocorreu na redução dos custos através do “enxugamento” da produção, que consistiu na eliminação de plantas destinadas para produtos de maior nível tecnológico, com um maior valor agregado.

No mercado internacional, as empresas brasileiras apresentavam uma estrutura extremamente diversificada, mesmo sendo os bens intermediários o principal produto de exportação nacional. O desempenho do Brasil no comércio internacional apresentou um excelente desempenho devido ao aumento da quantidade exportada ao longo da década de 80, e infelizmente, não pelo produto que estava sendo comercializado, pois nossa base ainda era calcada por *commodities*.

Os setores nacionais podem ser divididos nos :

- Com capacidade competitiva:

São os setores que detêm capacidade de competir com qualquer centro internacional, apresentando um excelente desempenho externo.

Exemplos: Soja, café, suco de laranja, minério de ferro, alumínio, siderurgia e papel e celulose.

- Com deficiência de competitividade:

São empresas pouco competitivas com pouca ou nenhuma inserção externa.

Exemplos: Laticínios, abate, Metal mecânicos (automóveis e peças), bens eletrônicos de consumo, fertilizantes, cimento, construção civil.

O setor têxtil, objetivo deste trabalho, apresentava uma situação de deficiência competitiva, resultante da instabilidade e degradação do mercado. O maquinário desse setor se mostrava obsoleto, com elevados níveis de capacidade ociosa, com uma restrita introdução de novos produtos. Outro ponto importante a ser estudado é o aumento de estratégia predatória, com degradação das

condições de trabalho, sonegação fiscal, informalização da produção e redução dos preços pela queda da qualidade.

1.2 Conseqüência da Abertura comercial para as empresas nacionais

A indústria nacional não pode ser considerada uma concorrente real no mercado internacional, assim, toda a queda de barreiras alfandegárias trouxeram grandes problemas, levando nosso país em uma grande especialização.

Houve uma diminuição das cadeias produtivas de setores intensivos em capital, preservando e até ampliando setores abundantes em mão-de-obra e recursos naturais, provocando uma sensível perda de cadeias produtivas nos setores industriais, baseados no uso intenso de tecnologia e capital.

Outro fator que não podemos deixar de lado é a valorização que a moeda nacional atingiu em relação ao dólar no início da implementação do Plano Real em Julho de 1994. A maior implicação desse desajuste cambial foi a rápida mudança no sinal do balanço comercial, de 12 bilhões de dólares superavitários para 6 bilhões de dólares deficitário na segunda metade da década, esse déficit diminuiu fortemente em 1999 com a desvalorização da moeda nacional em janeiro do ano citado acima (Mercadante(1997)).

Esses dados são esclarecidos ao observarmos as taxas de crescimento da exportação e importação no Brasil ao longo da década de 90, entre 1990 a 1998. A exportação cresceu 6,3% ao ano (dado Banco Central do Brasil, extraído de

Carneiro), acompanhando os índices mundiais. Por outro lado as importações apresentaram um percentual quase que duas vezes maior ao índice mundial, as importações no Brasil atingiram cerca de 13% ao ano.

Como podemos observar o Brasil não estava preparado para essa inserção no mercado mundial, um país grande, especializado em *commodities* com uma industrialização marginal as grandes inovações e tecnologia, não podemos deixar de comentar a grande desigualdade social e baixa escolaridade, escolaridade essa do Brasil é igual a de países como o Haiti.

Esta crise que abalou em grande parte os produtores nacionais pode ter sido revertida no início do ano de 1999, como foi falado anteriormente sobre a desvalorização do Real, e a expectativa de crescimento para o ano de 2000, tentam reverter o quadro de desmonte da indústria nacional e crescimento do desemprego que constituiu no maior problema nacional. Atingindo taxas extremamente altas. Outro problema que pode ser sugerido com a abertura desenfreada da economia é a proliferação do emprego informal, fatos sociais no âmbito nacional não serão estudados nesse trabalho, mas é fundamental essa menção pois assim poderemos entender os problemas sociais que também afetaram regiões que tiverem seus parques industriais com sérios problemas, como no caso a ser estudado de Americana e região.

Capítulo 2

Características Básicas do processo da indústria têxtil

A indústria têxtil é definida como um todo, do beneficiamento das fibras para a produção do tecido, até a produção do bem final, que são as roupas, tecidos para casa e tecidos industriais.

O processo produtivo têxtil é caracterizado pela segmentação de suas etapas da produção do fio até a produção do bem final, formando uma cadeia que pode ser dividida em várias etapas distintas.

Essas etapas são:

- Produção de Fibras, naturais ou sintéticas.
- Produção de fios.
- Produção de tecidos planos (tecelagem).
- Produção de tecidos de malha (malharia).
- Produção de panos não-tecidos.
- Beneficiamento de têxteis (tinturaria, estamparia e acabamento).
- Confeção.

A divisão acima citada transparece uma complexidade que envolve outras indústrias na evolução e desenvolvimento da indústria em estudo. Podemos apontar evoluções em setores agropecuários, químicos, de bens de capital e na moda como variáveis fundamentais no setor têxtil.

A matéria-prima principal no setor é a fibra têxtil. A fibra é a menor unidade visível obtida de certos tecidos orgânicos, que apresenta alongamento, espessura, resistência, dependendo de sua procedência.

Para que a fibra se torne apta para a indústria têxtil é necessário as seguintes características: comprimento, flexibilidade, capacidade de isolamento térmico, capacidade de absorção, resistência à abrasão, entre outras características.

As fibras podem ser divididas em naturais, que podem ser de origem animal e vegetal, fibras artificiais e sintéticas, que apareceram no início do século XX, e que revolucionariam o setor.

Os principais tecidos feitos através das fibras são:

Fibras Naturais: Algodão, Linho, Seda e Rami

Fibras Artificiais: Rayon Acetato, Rayon Viscose e Fioco

Fibras Sintéticas: Nylon, Poliéster e Elastano

2.1 Fibras Naturais

A fiação de fibras naturais compreendem diversas operações através das quais as fibras são orientadas em uma mesma direção – paralelizadas – e torcidas de modo a prenderem-se umas às outras por atrito.

A matéria prima mais importante para esse composto é o algodão (Macarini,1985), sem desprezar a seda e a lã.

A fibra da seda apresenta resistência à tração. Já a lã é extremamente leve e apresenta baixa condutividade térmica e elasticidade, por isso é utilizada em estações frias.

O algodão de melhor qualidade encontrado no mercado internacional é o egípcio, (g-barbadense), de fibra longa, que depois de beneficiado resulta no fio penteado extremamente fino.

O mais utilizado no mercado nacional são das produções do Mato Grosso e Paraná, e importados do Paraguai, Argentina e EUA. O algodão nacional por ser de fibra curta tem uma qualidade inferior e conseqüentemente pequena aceitação internacional.

Essa matéria prima importada começou a entrar no país depois de 1989, quando a produção caiu drasticamente passando a não comportar totalmente o mercado nacional. Os principais problemas que os cotonicultores sofrem para produzir no país são: financiamento privilegiado em países como EUA e Rússia, com taxas de juros internacionais e prazos maiores e uma qualidade superior do produto(Sinditec,1999).

Outro problema encontrado no Brasil é a não uniformidade das fibras, resultante da produção com algodão nacional , fator importantíssimo para a qualidade do produto final.

No país existem grandes grupos familiares na produção dessa matéria prima, como o Grupo Maeda, que sofreu problemas nos últimos anos com as importações, que tiveram suas tarifas eliminadas e colocou o setor em concorrência direta com os produtores internacionais de algodão.

2.2 Fibras Artificiais e Sintéticas

As fibras artificiais são obtidas a partir da regeneração da celulose natural, resultando em fibras como rayon, acetato e triacetato.

A fiação de fibras artificiais é composta das etapas de extrusão – operação em que uma substância pastosa é pressionada através da fiação – resultando em filamentos que são endurecidos através da operação de solidificação.

As fibras sintéticas são derivadas de subprodutos do petróleo e dão origem a fibras como poliéster, poliamida, acrílico e propileno.

Em 1884 ocorre o desenvolvimento da primeira fibra química patenteada no planeta, esse processo ocorreu através nitro-celulose de Hilaire de Chardonnet. Esse pode ser considerado um dos principais marcos para o desenvolvimento e mudança da estrutura da produção têxtil que ocorre e, segundo Macarini(1985), e influenciaria o setor depois da primeira guerra mundial. Até então os tecidos eram basicamente de fibras naturais.

Nessa época houve um grande desenvolvimento tecnológico que permitiu melhorar a qualidade das fibras, o que trouxe um aumento na produção industrial e uma redução em seus preços. Ao mesmo tempo ocorreram mudanças na moda feminina, aumentando a produção de rayon, que eram utilizadas na fabricação de meias e roupas íntimas.

A partir da década de 60 o país já produzia as principais fibras sintéticas, como nylon, poliéster, acrílico, entre outras.

A produção dessas fibras está concentrada em torno de uma dezena de empresas, na maioria dos casos, multinacionais. Pode-se citar como exemplo importante no setor, empresas como a Polyenka, localizada na região em estudo.

Esse mercado de fibras sintéticas destina-se basicamente ao mercado interno, no qual as exportações ocorrem com a produção excedente, diferentemente das fibras artificiais. Nesse produto o país apresenta uma qualidade de nível internacional, bem diferente da produção de fibras naturais. O mercado externo é uma ótima alternativa para a comercialização das fibras sintéticas, sendo a Argentina o maior comprador.

As fibras químicas podem assumir três formas distintas de apresentação:

- O monofilamento: simples filamento de medida contínua
- O multifilamento: composição de dois ou mais monofilamentos reunidos paralelamente.

2.3 Alocações das Fibras na Indústria Têxtil

A indústria têxtil muitas vezes prefere utilizar a fibra cortada devido a dois fatores: técnica de corte que abre a possibilidade de obtenção de grande variedade de produtos têxteis e sobretudo a mistura e adição de diferentes qualidades de fibras .

A fiação feita a partir da fibra cortada revela um menor custo relativo, já que a manipulação do filamento contínuo exige maior precisão.

As fibras químicas podem ser submetidas a tratamentos para alterar volume e elasticidade, antes de seu emprego nas fiações têxteis. Esse processo é chamado de texturização, onde são obtidos filamentos utilizados na confecção de meias e malharias em geral.

A última etapa do processo de transformação têxtil é a confecção e antes dessa fase há o acabamento, tinturaria e estamparia.

No acabamento o tecido é submetido a lavagem e secagem, para que sejam retiradas todas as impurezas.

A tinturaria é a fase de tingimento dos fios e dos tecidos, onde os emaranhados de fibras recebem as cores de acordo com a modo e vontade do cliente, em muitos casos essa parte da produção é feita por terceiros que recebem o tecido pronto e fazem o serviço.

E a estamparia é a fase em que os tecidos recebem a padronagem.

As fases do processo de transformação têxtil são independentes entre si, apesar de que no plano internacional estejam sinalizando no sentido de uma futura transformação em processo contínuo ou quase-contínuo.

Assim, o estado atual da indústria têxtil, em especial no Brasil, é de uma acentuada segmentação, o que, aliado às opções tecnológicas disponíveis e às correspondentes exigências de capital fixo, acaba se traduzindo em uma estrutura de grande heterogeneidade, implicando em um polo industrial que varia entre empresas de tecnologia de padrão mundial com indústrias com máquinas da década de 70.

O beneficiamento de fibras químicas pode eventualmente dispensar a etapa de fiação, já que o processo de extrusão dá origem ao fio.

No caso do processo de transformação têxtil das fibras naturais, há uma etapa que antecede a fiação, relacionada com a obtenção da fibra têxtil. Ela consiste em realizar a separação das fibras do seu material de origem, da limpeza para remoção de impurezas e do enfardamento.

O processo realizado para o algodão consiste em retirar as fibras que revestem as sementes, resultando no algodão em pluma (descaroçado).

Na fiação a matéria-prima é submetida a um processo de seleção, cujo objetivo é a produção de fios finos ou grossos (que requerem qualidades diferentes de fibras). A seleção da matéria-prima refere-se ao comprimento, finura e resistência da fibra, conteúdo de impurezas e tipo de algodão.

Fiação é o processo pelo qual as fibras naturais são orientadas em uma mesma direção (paralelização) e torcidas de maneira a prenderem-se umas às outras por atrito, resultando em fios contínuos com diâmetro pré-determinado.

As fibras depois de classificadas costumam se apresentar muito embaraçadas. Elas serão sucessivamente desembaraçadas, formando flocos mais soltos, através da operação de três máquinas: abridores, batedores e cardas.

A transformação dos fios em tecidos (tecelagem) se dá através de operações encadeadas.

A primeira fase é a de preparação de em que os fios provenientes da fiação são reunidos (enrolados) em bobinas de maior capacidade (isso é feito através de conicaleiras). Essa fase se subdivide em preparação do urdimento e preparação de trama.

O urdimento consiste em reunir um determinado número de fios, paralelamente entre si, com um comprimento constante e pré-determinado (assim estabelecendo o comprimento que terá o produto final).

Há dois tipos de máquinas urdineiras: seccional (que reúne todos os fios em um só rolo, dispensando máquinas auxiliares) e contínua (que executa o enrolamento de fios sobre vários rolos de diâmetros relativamente grandes).

Na tecelagem de lã e algodão é mais comum o uso do urdimento contínuo; para o rayon ambos são utilizados indistintamente.

Antes de seguir para o tear os fios ainda passam pela engomadeira (embora esta operação não seja obrigatória).

A engomagem torna os fios mais resistentes aos atritos e tensões a que serão submetidos durante a tecelagem.

Uma sequência de movimentos sincronizados entrelaça os fios do urdume, dispostos longitudinalmente, e os fios da trama (lançados através das lançadeiras) que percorrem transversalmente o espaço ocupado pelos primeiros.

Depois da II Guerra Mundial surgem os teares sem lançadeira. Nestes, o fio da trama é desenrolado diretamente a partir de grandes bobinas, alcançando-se maior velocidade de operação e permitindo eliminar uma das tarefas de preparação (a espulagem).

Há também uma grande vantagem sobre os teares mecânicos, a diminuição da tensão exercida sobre os fios durante a tecelagem, o que permite a obtenção de um tecido mais homogêneo e de melhor qualidade; uma maior capacidade de combinação de cores; a redução do custo de reposição de peças.

Os teares sem lançadeira experimentaram diversos aperfeiçoamentos e atualmente há um conjunto de modelos com características próprias.

Eles são classificados através da forma de inserção da trama, em três tipos: tear de pinça (os primeiros a serem desenvolvidos), tear jato de água (utilizados quase exclusivamente na tecelagem de fibras sintéticas) e tear a jato de ar e tear a projétil (que fazem o trabalho das lançadeiras convencionais).

O acabamento dos produtos têxteis consiste em um conjunto de operações que confere conforto, durabilidade e propriedades específicas ao produto, podendo afetar significativamente sua competitividade no mercado e mesmo resultar em um novo produto.

2.4 Avanços Tecnológicos

Segundo Macarini(1985) a busca de maior produtividade tem-se pautado pelo aumento na velocidade das máquinas, redução de seu tempo de paralização pela alimentação contínua e interna às próprias máquinas, redução do tempo de transporte e do material armazenado entre as operações. Portanto, a “coordenação das atividades e as características de desenho espacial têm um caráter fundamental no setor”.

Coerentemente com estas tendências de transformação do processo produtivo da indústria têxtil em uma atividade cada vez menos descontínua, verifica-se a redução na necessidade de trabalho humano na produção. Essa redução se dá

através da queda nas necessidades de correção manual das falhas de processamento e de transporte de material entre as máquinas.

O trabalhador passa a ser cada vez mais um supervisor da produção, podendo se responsabilizar por um número crescente de máquinas.

Através de estudos realizados por Schmitz (Macarini,1985) foi constatado que entre 1950 e 1980 ocorreram avanços na velocidade de operação das máquinas e de sua produção horária. Cabe destacar, a melhora substancial nos índices técnicos de cardas, estiradeiras e urdideiras. De maior impacto, entretanto, foi a eliminação das maçaroqueiras e conicaleiras- possibilitada pela substituição dos filatórios convencionais pelos “open-end”(mesmo, no início, sendo um sistema de fiação de baixa qualidade, esse sistema trouxe um melhor aproveitamento da matéria-prima pela indústria têxtil, atingindo bons resultados quanto a sua qualidade atualmente) e das bobinadeiras pelo advento dos teares sem lançadeira.

Deve-se frisar que, além da obtenção de índices acentuadamente mais favoráveis quanto à velocidade de operação, produtividade horária e eficiência, estas inovações tornaram desnecessárias algumas tarefas, colaborando para tornar o processo mais contínuo.

Essa importantíssima modificação no processo produtivo de fiação e tecelagem concentrou-se na década de setenta. Sem dúvida, o índice que sofreu maior variação foi a taxa capital-trabalho, o que aponta para uma grande poupança de mão-de-obra nas plantas mais atualizadas tecnologicamente.

Se em 1980 a produção diária de uma fiação passa a ser 25% maior que aquela alcançada em 1950, apenas a quinta parte dos trabalhadores é requerida

para efetuar-las. Na tecelagem, um aumento na produção de 40% passa a necessitar, em 1980, de apenas 27% do número de trabalhadores empregados em 1950.

As décadas de setenta e oitenta foram marcadas por avanços tecnológicos decisivos para a indústria têxtil.

Os filatórios "open-end" se desdobraram em três gerações e tipos diferenciados- com sistemas de pinças, projéteis, jato de ar ou água.

Simultaneamente, os equipamentos de preparação para a fiação e tecelagem experimentaram desenvolvimentos significativos para se adequarem aos novos filatórios e teares, principalmente no que toca à homogeneidade e velocidade de suprimento.

Como em todos os setores industriais a microeletrônica utilizada no monitoramento, controle e automação. Este avanço integrou os sistemas de regulagem das máquinas e monitora os sistemas. Essas informações em sistema *on-line* traz um melhor aproveitamento da produção com uma maximização na administração da produção.

A automação foi responsável por uma redução sensível na mão-de-obra mal qualificada.

2.5 Capacidade Instalada e Tecnologia

O Brasil se encontra na décima colocação entre os maiores produtores de fios, filamentos, tecidos e malhas, mas entre a produção que caracteriza a região em

estudo a posição é inferior. Os principais produtores desse ramo têxtil são os EUA, China, Taiwan Europa Ocidental e Coréia do Sul, juntos eles representam 60% da produção mundial, enquanto o Brasil detém apenas 1% do total. A produção nacional em 1999 ficou em 321 mil toneladas.

Quanto a tecnologia nacional, cerca de 16,7% dos filatórios a anel e 46,6% dos filatórios a pinça estão instalados a menos de 10 anos, esses números equivalem a média mundial.

Capítulo 3

Características da Região de Americana

Este capítulo apresentará a situação econômica do setor têxtil no país, dando um enfoque especial para a região de Americana, analisando a abertura econômica, colocando as características sociais e introduzindo um pouco da história da industrialização na região.

3.1 Início da Industrialização Têxtil na Região de Americana*(Americana, Santa Barbara D'Oeste, Nova Odessa e Sumaré)

A Indústria Têxtil foi o pilar de toda a industrialização mundial, com a I Revolução Industrial que ocorreu na Inglaterra, e no Brasil isso não foi diferente no final do Século XIX.

O polo industrial no qual apresentaremos o estudo teve início em 1875, com a Fábrica de Tecidos Carioba, que foi fundada praticamente junto com a Estação da Companhia Paulista Estrada de Ferro, a qual ficava próxima a fábrica.

Essa empresa têxtil da região foi fundada pela família de origem alemã Müller, sendo a principal pessoa na direção dos negócios o Comendador Müller. A

expansão das atividades da fábrica trouxe um grande desenvolvimento para a região levando a necessidade de instalação de uma Usina Hidrelétrica na Fazenda de Salto Grande, usina que também gerou energia para toda região contribuindo para melhorias sociais.

Carioba começava a atrair mão-de-obra de imigrantes estrangeiros, que além de empregos os imigrantes buscavam educação e lazer. Esse centro de atividade industrial se expandiu para a Villa Americana, principalmente a partir de 1940, e em seguida passou a ocupar outras vilas, que depois tornariam as cidades da região.

3.2 Características Gerais da Região

As cidades detém de uma população média de 160.000 habitantes(SEADE,1995), com exceção de Nova Odessa que é uma cidade bem menor que as demais. Observamos uma redução significativa na população de Sumaré, isto deve a emancipação do distrito de Hortolândia no início da década de 90. Esse fator não influenciará de forma significativa na pesquisa pois Sumaré, mesmo sendo um município de porte considerável, apresenta, juntamente com Nova Odessa, os menores índices de concentração de indústrias do setor têxtil em seu território.

População Total das Cidades da Região de Americana

	1980	1985	1990	1995
Americana	121.552	135.521	150.249	165.076
S. B. D'oeste	75.866	101.848	135.962	157.693
Nova Odessa	21.743	26.690	32.575	36.835
Sumaré	100.589	145.103	208.143	157.693

Fonte: SEADE

A região detinha 1.486 tecelagens planas, esse alto número correspondia a inúmeras fabricas de origem familiar, e algumas fortes empresas, sendo alguma delas multinacionais que representavam um percentual muito grande da produção.

Americana detém mais de 50% das indústrias têxteis da região, passando de 55,6% das industrias em seu território em 1990, para 63,9% em 98. A concentração das empresas segue com S. B. D'oeste em segundo lugar e Nova Odessa que detinha 8,5% das industrias, ocupando a terceira posição passou para quarto, com 3,1%. E Sumaré que detinha 3,6%, praticamente manteve o índice e passou para a terceira posição (SEADE).

Hoje o Polo Têxtil de Americana e Região e formado por cerca de 700 tecelagens, 05 Fiações de Fibras Sintéticas e Artificiais, 2 Fiações de Fibras Naturais e 50 Tinturarias e Estamparias (SINDITEC).

3.3 Mercados das Empresas Têxteis da Região

Produção especializada em tecidos planos de fibras sintéticas e artificiais, utilizado no mercado de:

- Moda Masculina: Calças e Camisas.
- Moda Feminina: Vestuário completo.
- Moda Esportiva: Uniformes especiais para prática de esporte.
- Decoração: Cortinas, toalhas e forros de sofás.
- Tecelagem Industrial: Pneu, impressoras.
- Tecelagem Hospitalar: Gaze, ataduras.

(Fonte: SINDEC)

3.4 Número de Empresas de Tecelagem na Região de Americana

Anos	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Americana	827	764	676	680	475	447	395	416	425	456	462
S.B.D'Oeste	479	443	395	383	264	248	195	195	197	192	199
Nova Odessa	126	120	111	106	70	65	18	13	21	30	38
Sumaré	54	48	41	30	21	18	12	22	22	25	26
Total	1.486	1.375	1.223	1.199	830	778	620	646	665	703	725

Fonte: Sinditec 1999

Mas essas variações no número de tecelagens em cada cidade ocorreu devido à crise que reduziu grande parte do polo têxtil nacional, em que empresas tradicionais da região fecharam as portas.

O caso mais drástico da região foi o da cidade de Nova Odessa que ao longo da década perdeu 83% de suas tecelagens. Americana, o principal centro do polo têxtil, perdeu 49% de suas empresas dessa área.

Podemos considerar os piores anos das empresas da região como o de 93/94, nesse período houve um decréscimo de 31% no número de empresas da região, outro período de grande crise foi 95/96 onde o parque têxtil diminuiu 20%, depois desse período ocorreu uma estabilização no número de empresas, para o ano de 99 é esperado um aumento de aproximadamente 6%, mostrando uma pequena recuperação do setor, que vem sendo confirmada no ano 2000. Neste ano que passou, até dados de Setembro confirmou esse crescimento, de quase 10% no número de empresas de em relação ao ano de 98.

Outro ponto que será abordado como característica geral da região é a grande queda no nível de emprego nas tecelagens em relação ao total oferecido no mercado de trabalho na região. Foi observado nos gráficos que do início da década até 1998 foram fechados mais de 15.000 postos de trabalho no setor. No caso de Sumaré o número de empregos em tecelagens corresponde a 28% do que era em 1990, isso mostra a importância de um estudo mais detalhado, procurando entender as grandes mudanças que ocorreram na década de 90, na qual, segundo alguns empresários da região, ocorreu a pior crise do setor depois da II Guerra Mundial.

Em 99, os postos de emprego voltam a crescer em 99, atingindo 17.335 empregos efetivos.

A abertura econômica brasileira em 1990, afetou a indústria brasileira de maneira que as importações subfaturadas e o dumping comercial deixaram esse setor sem nenhum mecanismo de proteção. Não sendo esse o único problema, a indústria têxtil sempre se desenvolveu com a internalização da produção,

caracterizando por um mercado sem concorrência externa, com baixo investimento em tecnologia e índices de produtividade medíocre.

3.5 Trabalhadores da Região de Americana dividido por Setor

Município de Americana

Trabalho	1991	%	1996	%	1997	%
Total de empregos ocupados	50.567	100%	47.297	100%	44.224	100%
Empregos ocupados na indústria	29.102	58%	24.711	52%	21.461	49%
Empregos ocupados no comércio	5.942	12%	7.650	16%	7.535	17%
Empregos ocupados nos serviços	12.657	25%	14.819	31%	15.073	34%
Demais empregos ocupados	2.866	6%	117	0%	155	0%

Município de Nova Odessa

Trabalho	1991	%	1996	%	1997	%
Total de empregos ocupados	9.271	100%	9.146	100%	9.441	100%
Empregos ocupados na indústria	7.850	85%	6.925	76%	7.166	76%
Empregos ocupados no comércio	428	5%	786	9%	723	8%
Empregos ocupados nos serviços	698	8%	1.300	14%	1.430	15%
Demais empregos ocupados	295	3%	135	1%	122	1%

Município de Santa Barbara d'Oeste

Trabalho	1991	%	1996	%	1997	%
Total de empregos ocupados	21.370	100%	17.661	100%	19.092	100%
Empregos ocupados na indústria	13.253	62%	9.972	56%	10.135	53%
Empregos ocupados no comércio	1.781	8%	2.784	16%	3.183	17%
Empregos ocupados nos serviços	5.124	24%	4.583	26%	5.409	28%
Demais empregos ocupados	1.212	6%	322	2%	365	2%

Município de Sumaré

Trabalho	1991	%	1996	%	1997	%
Total de empregos ocupados	26.031	100%	16.863	100%	19.030	100%
Empregos ocupados na indústria	14.810	57%	9.184	54%	8.980	47%
Empregos ocupados no comércio	2.910	11%	2.546	15%	3.000	16%
Empregos ocupados nos serviços	6.019	23%	4.598	27%	6.596	35%
Demais empregos ocupados	2.292	9%	535	3%	454	2%

Fonte:SEADE

Número de empregados nas Indústrias Têxteis da Região de Americana

Local/Anos	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Americana	17.845	15.532	14.340	10.597	9.286	8.540	8.148	8.725	8.850	10.231	10.335
S.B.D'Oeste	6.305	5.461	4.241	4.768	5.058	3.395	2.295	2.340	3.050	2.982	3.009
Nova Odessa	3.760	3.384	3.445	3.390	3.567	3.317	2.183	2.201	2.500	2.625	2.736
Sumaré	3.147	2.321	1.869	1.861	1.773	2.491	755	827	900	1.021	1.044
Total	31.057	26.698	23.895	20.616	19.684	17.743	13.381	14.093	15.300	16.859	17.124

Fonte: Sinditec 1999

A Tabela nos mostra a importância da indústria na Região. Nas duas principais cidades da região, considerando a produção têxtil (Americana e S. B. D'oeste), ainda hoje, depois de todo o período difícil que a indústria têxtil da região passou, aproximadamente 50% das pessoas empregadas estão nesse ramo de atividades.

A importância da indústria têxtil é muito representativa no que diz aos empregos e conseqüentemente a economia das cidades, mostrando a preocupação na queda dos empregos que ocorreu nas indústrias desse ramo de atividade, essa queda foi representativa caindo de 31.057 postos de trabalho para 13.418 em 1996, essa redução obteve um aumento ao longo dos anos subsequentes atingindo Setembro de 2000 o número de 17.124.

O número de empregos dificilmente atingirá os patamares do início dos anos 90, pois a modernização da indústria dispensou a mão-de-obra, essa evolução nos últimos 2 anos pode ser encarada como um bom sinal de recuperação.

Enquanto os empregos caíram a produção tomou rumos inversos. No início da década a produção era de 100 milhões de metros lineares/mês, com a entrada dos produtos importados a queda na produção foi enorme, 45 milhões de metros lineares/mês de 93 à 95, porém a recuperação ocorre à partir de 98, com a consolidação em 2000, com uma produção de 150 milhões de metros lineares/mês, com uma capacidade instalada em 70% de sua capacidade.

3.6 Reivindicações ao Governo Nacional, no ápice da crise

Podemos dizer que a região em estudo, teve um papel fundamental nas discussões com o governo federal e estadual, visando equilibrar a competição com os produtores externos que invadiram o mercado nacional com preços extremamente baixos, muitas vezes fazendo políticas de dumping.

Nesse período houveram grandes movimentos que tentaram sensibilizar o Governo para a crise que o setor enfrentava, as manifestações mais conhecidas foram as viagens de trabalhadores e empresários para Brasília e interdição da rodovia Anhanguera, que nesse caso ocorreu até confronto com a polícia deixando algumas pessoas feridas.

Podemos indicar a Carta de Brasília como um documento que mostra a preocupação dos empresários quanto ao futuro de setor. Esta carta foi formulada em 1995, com o objetivo de criar medidas para a proteção do parte têxtil nacional, principalmente do setor de fibras artificiais e sintéticas, que foram os mais prejudicados com a abertura.

Os principais reivindicações desse documento são:

- Elevação das tarifas de importação de tecidos e confecções.
- Eliminação de financiamento para exportações.
- Mudança da tributação de importação ad valorem, que significa tributação pelo peso da mercadoria, evitando fraudes.
- Redução do Custo Brasil
- Juros de mercado internacional
- Isenção de impostos na aquisição de máquinas nacionais e importadas.
- Isenção de impostos sobre operações de crédito, câmbio e seguro sobre o financiamento da cadeia da indústria têxtil.

A iniciativa desse ato público foi responsável pela SINDITEC (Sindicato das Indústrias têxteis da Região de Americana), uniu empresários, trabalhadores da região, Sindicatos, prefeitos, vereadores e deputados, criando uma frente parlamentar em Brasília em defesa da Indústria Têxtil e do Vestuário.

Toda essa movimentação em defesa do setor obteve sucesso, resultando na possibilidade de reação econômica da região.

Em julho 1995, os tecidos sintéticos e artificiais só poderiam ser importados mediante pagamento à vista, cortando o financiamento existente no período imediatamente anterior. Em agosto, as alíquotas desses mesmos produtos subiram de 20% para 70%, mantendo essa taxa até 28/04/96. Logo em seguida em Outubro, o sistema de valorização aduaneiro foi modificado, tentando evitar fraudes de subfaturamento e evasão fiscal nas importações.

Em Maio de 1996, passou a vigorar cotas de importação para os tecidos asiáticos, que ficou em vigência até o final de 1999.

3.7 Investimentos no período pós abertura

Mesmo com todos os problemas nos meados da década de 90, o setor recebeu investimento de US\$ 6 bilhões, sendo que US\$ 4 bi foram em investimento em importação de máquinas.

O BNDES foi responsável por 33% desses recursos. A região Sudeste, como a mais forte da economia nacional, recebeu US\$ 969 milhões, que representou 45% dos recebedores desses recursos seguindo pela região Nordeste e Sul, com US\$ 621 mi e US\$ 523 mi respectivamente.

Entre 1997 e 1999 os investimentos tiveram seu maior volume na região Sudeste, correspondendo a praticamente 60% do total destinado a essa região na década.

Esses investimentos, que corresponderam principalmente a maquinário, 62% (sendo metade importado) do total investido, representou um aumento na produtividade do trabalho, segundo dados do IBGE, em 50%.

Além dessas características apontadas acima cinco outros elementos que transformaram o perfil industrial da indústria.

- Grande concentração no segmento têxtil e pulverização das confecções
- Aumento da relação capital/trabalho, devido ao aumento do investimento em máquinas modernas.
- Falência de muitas tecelagens produtoras de tecidos planos, especialmente na região estudada que se caracteriza pela produção artificial e sintética.

- Deslocamento regional num primeiro momento para a região Nordeste, explicando o volume de investimento cedido pelo BNDES, essa migração ocorreu devido a incentivos fiscais, formação de cooperativas e custos menores.
- Mudança no mix de produção, equipamentos de última geração, aumento de escala, terceirização da produção e uma maior diferenciação.

Na região de Americana, grande parte do dinheiro para o investimento veio do próprio empresário. Segundo entrevista com João Girardi (Assessor Executivo da Presidência do SINDITEC), houve uma descapitalização dessas pessoas que venderam imóveis, carros (normalmente bens de luxo), para não perderem suas empresas.

Os investimentos na região somaram US\$ 1,2 bilhões na última década, a grande maioria foi investida na aquisição de teares modernos, com o que há de mais eficiente no mercado mundial desse bem de capital.

3.8 Características do parque industrial na Região de Americana.

O parque industrial do setor de tecelagem é, ainda, predominantemente composto com de teares de lançadeiras. Esse tipo de tear sofreu uma brusca redução na sua quantidade, de 141 mil teares, em 1990, reduziu para em 107 mil, em 1999. Os teares de pinça e jato de ar são os outros dois tipos mais freqüente na indústria nacional, esses maquinários cresceram em quantidade na última

década, passando de 17 mil e 1,6 mil para 25,6 mil e 6,5 mil, respectivamente no período de 1990 até 1999. Mas o ponto de maior relevância foi a diminuição da idade média desses dois tipos de teares, passando o teares de pinça de 9,7 anos para 6,1 e o tear de jato de ar reduziu de 3,9 anos para apenas 1 ano (SINDITEC).

Podemos observar nos dados acima uma tendência de renovação e modernização das máquinas, mostrando a necessidade de modernizar as indústrias de tecelagem, que necessitou de ações concretas para enfrentar a abertura e a conseqüente concorrência no mercado mundial.

3.9 Comércio Internacional

Nesse item o setor têxtil apresenta um claro divisor de águas que foi o ano de 1993, onde começa a queda drástica do saldo comercial, principalmente devido as políticas implantadas pelo governo buscando a abertura comercial já discutida anteriormente.

As importações brasileiras sofreram um salto em 1993. Em 92 as exportações eram de US\$ 529 milhões e saltaram em um ano para US\$ 1.162 milhões, enquanto as exportações continuaram no patamar de US\$1,2 bilhões.

O déficit comercial nesse setor começou um ano depois que o Plano Real foi implementado no país, 1995.

Balança Comercial	
Dos Produtos Têxteis	
Ano	US\$ milhões
1985	810
1986	674
1987	851
1988	988
1989	751
1990	607
1991	622
1992	955
1993	206
1994	81
1995	-844
1996	-1.019
1997	-1.149
1998	-810
1999	-433
2000(a)	-175
Fonte : Secex -Maio/2000 (Banco Central do Brasil)	
(a) até maio/2000	

O pior ano, como podemos observar no gráfico, foi em 97 com um déficit de US\$ 1.149 milhões. Mesmo com as reivindicações feitas no final de 95, o setor só voltaria a diminuir seu saldo negativo em 2000, criando boas expectativas para o ano 2001, com uma retomada das exportações.

Com a abertura houve uma pequena mudança no cenário comercial, entre 1990 a 1993, o mercado interno era representante de 90% das vendas da indústria de Americana, atingiu 95% em 97, aumentou suas exportações significativamente em 2000, com 30% de suas vendas indo para o mercado externo.

Conclusão

A Região de Americana, apesar da profunda crise que afetou a região até meados da década de 90, aparentemente o setor conseguiu sobreviver, e o mais importante, está conseguindo buscar uma recuperação.

Esta recuperação não significa que as empresas voltaram aos patamares de emprego, tecnológicos e lucros que antigamente eram características da grande maioria das empresas familiares que correspondiam a maior parte das indústrias desse setor tradicional da região.

Uma das principais mudanças que levaram a essa recuperação de Americana, foi a mudança da mentalidade dos empresários. A antiga mentalidade, do período que o mercado era protegido, no qual todo seu lucro era investido em fazendas, casa de luxo, apartamentos em praias e carros novos, passou para o pensamento capitalista, constatando que seu excedente (receita menos despesas), não significa lucro, e sim lucro mais capital que necessita ser reinvestido.

Outra característica interessante foi a transformação da empresa familiar tradicional para a empresa de família. Isso consiste em que houve uma diminuição de empresas fundadas por pais que seriam administradas pelos filhos, chamo de empresas de família aquelas empresas que no momento que seus fundadores deixarem de comandar a empresas, a pessoa que irá assumir não necessariamente será alguém da família, mas sim alguém capacitado com visão do negócio.

Hoje a qualidade é uma característica dada no mercado como um todo, não sendo diferente no setor têxtil, e a modernização foi fundamental para que os

produtos pudessem concorrer quanto ao preço nesse no mercado praticamente sem fronteiras. Americana que era caracterizada por uma indústria de baixa qualidade, conseguiu mudar e hoje a recuperação é uma prova que as mudanças foram importantes.

A abertura do mercado, segundo uma análise pós crise foi um fator bom para a sociedade como um todo, mostrando que se abertura fosse feita de uma maneira mais organizada, com uma mínima preocupação que deveria existir pelo Estado com um setor de tal importância como esse, que hoje é o terceiro maior empregador do país.

Podemos apontar como a expectativa para um futuro próximo é de um crescimento no curto prazo, devido ao reaquecimento da economia e onde haverá um aumento de vendas sem a necessidade de novos investimentos em volume, devido a capacidade ociosa que ainda é significativo no setor. No longo prazo é provável que o setor se estabeleça e varie de acordo com a economia nacional.

Espero que depois desse susto os empresários não esqueçam de que investimento e modernização são necessários para manutenção do mercado e sobreviva.

Bibliografia

BNDES Setorial, Rio de Janeiro, Set/2000

CARNEIRO, R.M., Reformas Liberais, estabilidade e estagnação.
(Economia Brasileira na década de 90), IE-UNUCAMP, Campinas,
Maio-2000.

COUTINHO, Luciano, Estudo da Competitividade Brasileira, Campinas,
1995.

LOPES, Odair, Estudo da Competitividade Brasileira – Competitividade da
Indústria Têxtil, IE-UNICAMP, Campinas, 1993

MACARINI, J.P., A Indústria Têxtil Brasileira – Um Diagnóstico Setorial,
IE_UNICAMP, Campinas, 1984.

MERCADANTE, Aloísio, Brasil Pós-Real; IE-UNICAMP, Campinas, 1997.

PRESERVANDO NOSSA HISTORIA – AMERICANA 1999, Pesquisa feita
por Gobbo, et alli

PORTER, M. E., Vantagem Competitiva, Editora Campus, Rio de Janeiro,
1990

SINDITEC – Resumo dedicado a Imprensa, Internet: www.sinditec.com.br

SEADE, Internet: www.seade.gov.br.